

## MEMÓRIAS DA PROCISSÃO DE NAVEGANTES NA REGIÃO DO PORTO EM PELOTAS – RS

**FARINHA, Alessandra Burio<sup>1</sup>; CARLE, Claudio Baptista<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas/ICH/PPGMP – alearinha@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas/ICH/PPGMP – cbcarle@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho está inserido na área das Ciências Humanas, Antropologia, problematizando principalmente a memória e esquecimento da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, nos moldes em que era realizada na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, de Pelotas - RS, cuja igreja Matriz é até hoje popularmente conhecida como “Igreja do Porto”, pelo fato de o território da paróquia compreender a região próxima ao porto desativado sobre o Canal São Gonçalo, que banha a cidade.

Conforme a fala de pessoas do bairro, a maioria dos párocos e vizinhos da paróquia, que compreendia população eminentemente operária, descendentes de europeus de imigração recente, portugueses, italianos, poloneses, alemães e principalmente negros compartilhava a devoção de Nossa Senhora dos Navegantes, desde que a procissão começa a acontecer no ano de 1932 (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1911).

É fundamentalmente visando falar ao sentimento religioso dos moradores dos arredores da Paróquia do Porto que o Pe. Luiz Gonzaga Alfino Chierichetti vai tomar sua primeira iniciativa como pároco, poucos dias após ser nomeado, em janeiro de 1932, dirigindo-se ao Capitão do Porto para solicitar-lhe permissão e apoio para a realização da procissão de Navegantes em caráter fluvial.

A Capitania dos portos, além de permitir a Procissão Fluvial, assume a parte técnica do evento. A Festa de Navegantes torna-se e permanece sendo por décadas a maior Festa de devoção popular de Pelotas, conforme a fala do Pe. Olavo Gasperin: *“la a cidade toda. Era a festa da Cidade organizada pela Paróquia do Porto e pela Capitania. O bispo celebrava a missa final, era uma festa soleníssima”*.

O Pe. Olavo Gasperin foi o primeiro sucessor do Pe. Chierichetti, idealizador da festa. O Pe. Olavo conseguiu reorganizar uma comissão e manter a Festa de Navegantes em seu padrão original, com pequenas mudanças ao longo de sua administração. O terceiro sucessor do Pe. Chierichetti, porém, Pe. Florêncio Lunelli, baseado em supostas normativas derivadas da reforma litúrgica estabelecida pelo Concílio Vaticano II, ordenou, junto com a retirada de praticamente todas as imagens de santos da igreja, o desmantelamento do altar de Nossa Senhora dos Navegantes e o envio da imagem à capela da comunidade de pescadores da Colônia Z-3, que passou a sediar a Festa anual.

Esse foi o ato que sela o desmantelamento na devoção a Nossa Senhora dos Navegantes para os fiéis da região do Porto de Pelotas, cuja procissão fluvial havia passado, então, a apenas visitar o Cais do Porto (desativado, por sua vez, dentro do quadro de empobrecimento geral do bairro), sendo que, por fim, a própria imagem original da Virgem Maria (referência material por excelência do fenômeno) deixou de participar da procissão. Não obstante algumas tentativas de

revalorização, a data de 2 de fevereiro, em Pelotas, passou a ser eminentemente uma celebração dos cultos afro-brasileiros.

De acordo com BARTH (1998), as novas identidades se formam a partir de alguma insatisfação relativa ao grupo a que pertencem. No caso da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes não houve a insatisfação por parte do grupo de devotos. O deslocamento da imagem e desmantelamento das características originais da procissão foi algo imposto.

O patrimônio, a cultural oral e imaterial é mais vulnerável que os demais, mais suscetível ao esquecimento. Por isso a necessidade de documentar, registrar e arquivar, mantendo seu contexto original para as gerações futuras, conforme AREVALO (2004). O deslocamento e descaracterização da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes e de outros ícones de devoção popular na Paróquia do Porto em Pelotas e sua repercussão social sob o ponto de vista da memória é o problema de pesquisa.

De acordo com POLLACK (1989), diferentes pontos de memória pessoal formam a coletividade. A tradição de fé e devoção representada neste momento pela antiga procissão é um exemplo de memória popular que se dissipou através das décadas. Neste estudo de caso, a história está a beira do esquecimento, pois existe apenas na memória dos que naquela época viveram.

A partir do exposto acima, este trabalho tem por objetivo principal reunir memórias acerca da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes como antigo fenômeno de religiosidade popular da Zona do Porto e de Pelotas de forma geral.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Os dados que estão originando o produto final a ser obtido estão sendo coletados através do método análise de narrativas orais, empregando entrevistas semi-estruturadas com sujeitos que se encontram na faixa dos 70/90 anos, e que alcançaram o auge da festa no paróquiato do Mons. Chierichetti, até pessoas menos idosas, já situadas no período de transição.

São cerca de dez entrevistados, participantes do período histórico em questão, os quais foram escolhidos mediante sondagem prévia realizada a partir do contato com vizinhos e paroquianos. Através das entrevistas com antigos paroquianos, e párocos, foi possível estabelecer um viés de leitura do sentido da festa dentro do contexto da religiosidade popular local.

Além da análise de narrativas orais, é fundamental a pesquisa no Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1911), o Primeiro Lustrado da Diocese de Pelotas (1917), dentre outras referências históricas. A fundamentação partiu de conceitos da memória coletiva, esquecimento e a devoção como patrimônio cultural imaterial. Foram coletados também *souvenirs* da Festa de Navegantes com os próprios entrevistados, como santinhos, cartazes que constam nomes de Festeiros, dentre outros materiais.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente momento, a pesquisa avançou em revisão teórica e entrevistas e coleta de material da Festa da primeira metade do século XX. Foi identificado que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas

foi por cerca de quatro décadas o maior fenômeno religioso, de proporções imensuráveis em Pelotas.

A Festa anual (realizada no início do mês de fevereiro de cada ano, de acordo com registros no Livro Tombo da Paróquia, por não ser ainda feriado municipal, realizava-se, normalmente, se não no dia 02/02, no fim-de-semana imediato) reunia multidões a cada ano. Na organização, concentrava-se na parte espiritual o Clero, a paróquia do Porto, e na parte técnica fluvial a Marinha, a Capitania dos Portos de Pelotas.

Da Festa participavam congregações, associações, escolas, leigos, pescadores, população em geral. Articulava-se o comércio de *souvenirs* e alimentos em barracas durante a Festa nos arredores da Praça da Alfândega.

A festa tinha caráter religiosa e pagã simultaneamente, já que, conforme depoimentos, a multidão permanecia no Cais do Porto, confraternizando (inclusive com apresentação de Escolas de Samba) após o final da Procissão quando ocorria a saída da Santa de volta para a Igreja.

#### 4. CONCLUSÕES

A inovação obtida pelo trabalho é a descoberta da antiga Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas como grandioso fenômeno de religiosidade, fé e devoção popular da cidade no início do século XX. O produto final a ser obtido com este trabalho compreende o resgate da memória da cultura popular de Pelotas através do viés da religiosidade. Resgate este que, se não realizado neste momento ou logo, talvez dissipe na memória de alguns.

Espera-se que a divulgação das memórias da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes da Paróquia do Porto represente a importância do estudo da memória das manifestações de fé popular, principalmente na cidade de Pelotas, onde vivem descendentes de múltiplas etnias, nacionalidades e credos, para compreendermos nossa própria memória e trajetória histórica.

O estudo da memória coletiva através da oralidade (memórias individuais) é fundamental para compreendermos nossa própria história, trajetória e sentido. A memória serve para definir e reforçar o pertencimento se alimenta da história e reinterpreta o passado.

Almeja-se que esta pesquisa estimule novos empenhos científicos sobre memória e fé buscando desvendar o que significou o passado de forma mais real possível. A divulgação dos resultados, das memórias da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes será de fundamental importância documental para a comunidade de Pelotas, visto que o material histórico relativo a paróquia é escasso.

Como impacto social, pretende-se que este empenho fará com que a comunidade sensibilize-se e valorize a memória coletiva e individual, em todos os âmbitos, mas principalmente no que diz respeito à memória coletiva de fenômenos de religiosidade e fé.

## 5. REFERÊNCIAS

- AREVALO, Javier Marcos. **La Tradicion, El patrimonio y La Identidad**. Espanha: Revista de estudios extremeños, 2004.
- BARTH, Fredrick **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENAR, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo : UNESP, 1997 (pp. 185-228).
- CANDAU, Joel. **Antropología de la memoria**. 1ª ed. – Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CAVEDON, Neusa R. **Navegantes da esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre**. 1992. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1410>>. Acesso em 21 mar. 2011.
- CHAGAS, Mário **Cultura, Patrimônio e Memória**. Porto Alegre: Revista Ciências & Letras, 2002.
- COSTA, Angela Maria F. D. **A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre/RS e o Patrimônio Histórico Imaterial**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio | MAST. Vol. 03 núm. 01, 2010.
- GONÇALVES, José Reginaldo. **O patrimônio como categoria de pensamento, ensaios contemporâneos** in: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio, ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: D.P&A, 2003.
- HASTENTEUFEL, Zeno. **Dom Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica, 1987.
- KOSBY, Marília Floor. **Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso: sobre a doçura como referência Cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/ RS, em 2007**. Cadernos de Campo – Revista dos alunos do PPG em Antropologia Social da USP. São Paulo, n. 17, 2008.
- LIVRO **Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus**, Diocese de Pelotas, 1911.
- POLLACK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, v. 02, n. 03. 1989.
- PRIMEIRO **lustro da Diocese de Pelotas**. Pelotas: Tipografia do Centro, 1917.
- RUBERT, Arlindo. **História da Igreja no Rio Grande do Sul**. Vols. 1 e 2. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.
- SILVEIRA, Jonas Klug da; FARINHA, Alessandra Buriol. **Monsenhor Luiz Gonzaga Chierichetti e a Antiga Procissão** de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas: Vivências de religiosidade popular em um bairro portuário. Encontro Regional Sul de História Oral. Pelotas: Editora da UFPel, 2011.